



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'António Vieira - Profecia e Polémica', de José Van den Besselaar]

Francisco Maciel Silveira

Para citar este documento / To cite this document:

Francisco Maciel Silveira, "[Recensão crítica a 'António Vieira - Profecia e Polémica', de José Van den Besselaar]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 470-472.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

pédias, prefácios a antologias ou simples referências quase ocasionais. Era pois tempo de surgir um estudo centrado num dos clássicos portugueses mais lidos e paradoxalmente mais ignorados pela crítica. Como refere a A., é indiscutível que tal esquecimento resulta de alguns preconceitos; mas há também a considerar as dificuldades objectivas que coloca ao investigador um livro tão desacompanhado na nossa história literária de Quinhentos. Enfrentando as dificuldades de uma e outra natureza, Cristina Nobre produziu um trabalho que não só esclarece inovadoramente vários aspectos obscuros do texto e do contexto como abre caminhos para aproximações de outro tipo.

Para além da pertinência e da novidade do assunto escolhido, o trabalho em apreço sobressai pela maleabilidade metodológica: à possibilidade de aplicar um método rígido, preferiu adoptar-se um quadro compósito, onde se entrecruzam contributos vindos da filologia, da história literária portuguesa e europeia, da narratologia, da estilística e da história das ideias. Deste modo se encontram neste estudo, por exemplo, bons momentos de análise textual articulados com o indispensável manuseamento de erudição, nomeadamente no que toca à memória literária convocada por Trancoso (cf., em especial, p. 114 e ss.). E há que louvar, por fim, a escrita amadurecida, segura (embora marcadamente pessoal), que delimita posições com inabitual clareza e incisão.

Apostada em mostrar que a obra cumpre um programa exemplar, a A. analisa assim os mecanismos narrativos que subordinam o texto, destacando os vários planos que nele se entretecem e as muitas vozes que nele deixaram eco, recorrendo a um conjunto de testemunhos discursivos não literários, directa ou indirectamente respeitantes à realidade socio-cultural da época. Com este procedimento, visa-se obviamente obter uma descrição convincente das estruturas e dos sentidos textuais, estabelecendo não apenas as respectivas matrizes literárias mas também o circuito sociológico em que o livro se integrou.

Porém, se é verdade que o primeiro objectivo se cumpre em níveis de grande eficácia, fica a impressão de que isso não ocorre da mesma forma com o segundo. E é compreensível. Muito mais difícil do que determinar os sentidos do texto em função dos modelos em que se insere, é aferi-lo através dos parâmetros socio-culturais que os balizam. Trata-se, de resto, de uma dificuldade bem conhecida de todos os que se dedicam a estudos da literatura do século XVI; neste caso, porém, ela resulta sobremaneira acrescida uma vez que está em causa, de forma directa, a clarificação das expectativas do público leitor e do encontro que com elas buscou um autor declaradamente

didáctico ou exemplarista. Ao contrário do que sucede já em outros espaços culturais, como Espanha, França ou Itália, em Portugal a questão dos públicos continua por estudar em níveis aceitáveis de rigor. Quem lia os *Contos* de Trancoso no último terço do século XVI? Que tipo de efeitos poderiam provocar livros como este? Como se relacionaria o livro de Trancoso com outro tipo de literatura, mais «erudita» e «canónica»? Eis algumas das perguntas que tanto acodem ao espírito do leitor contemporâneo do autor quinhentista como ao espírito do leitor de Cristina Nobre, e que continuam a aguardar esclarecimento sólido e conveniente, do qual beneficiarão muitos outros textos da época.

Mesmo na ausência de trabalhos de suporte que pudessem esclarecer estes problemas de fundo, o estudo em apreço consegue, pelo menos, identificar alguns problemas habitualmente omissos ou apenas lateralmente referidos em ocasiões anteriores. Ainda assim, teria talvez sido possível ir um pouco mais longe na questão dos «provérbios e ditos» (p. 157 e ss.) e na sua relação com o substrato e o *ethos* popular que atravessa a obra. E teria sido desejável, sobretudo, que a conclusão funcionasse um pouco mais como espaço de recollecção das numerosas pistas que a A. foi semeando passo a passo, ganhando assim um carácter mais problematizante e mais sinalizador dos caminhos que importa percorrer a partir daqui.

José Augusto Cardoso Bernardes

JOSÉ VAN DEN BESSELAAR

ANTÓNIO VIEIRA
PROFECIA E POLÉMICA

Rio de Janeiro, Editora da UERJ / 2002

Não obstante prontos desde 1985, só agora vêm a lume, graças à iniciativa da Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, os originais da última obra do lusitanista José van den Besselaar (1916-1991). O título primitivo, *Vieira — Apoiado e Contestado*, foi alterado pela editora para *António Vieira — Profecia e Polémica*, alteração talvez suscitada pelo facto de a denominação original apenas se referir, como veremos, à primeira parte do livro.

Sem intuito protestante contra anabaptismos, ocorre-me que o novo baptismo não resolve o problema. Por não ser também — como desejava a editora — «capaz de dar conta da complexidade e alcance do texto». Sob um ou outro título, apenas a primeira parte acaba por ser privilegiada.

Divide-se a obra de Besselaar em dois segmentos que, não obstante interligados pelo

tema — sebastianismo —, podem ser lidos, sem prejuízo, separadamente.

O primeiro reúne textos, em grande parte inéditos, transcrevendo a polémica travada, por volta de 1660, entre «joanistas» e «sebastianistas». O ponto de partida deste bloco é o conhecidíssimo «Esperanças de Portugal» (1659), «papel» (ou seja, texto doutrinário) que Vieira endereçou ao padre André Fernandes, confiante em que a inconfidência do destinatário acabaria por divulgá-lo em público mais vasto.

Fundamentado na exegese das trovas de Bandarra, Vieira defende em «Esperanças de Portugal» a tese de que o defunto D. João IV haveria de ressuscitar para cumprir a profecia inscrita nos misteriosos versos do sapateiro de Trancoso: vitória sobre o Turco, conquista da Terra Santa e, por fim, tomada de assento no glorioso trono temporal do Quinto Império.

Em Julho de 1660, o texto vieiriano cai nas mãos de um belga que, talvez por dívidas, andava a pagar custas no Limoeiro. Muito dado a especulações místicas e projectos fantasistas, era o tal belga, de nome Nicolau Bourey, um «joanista» ferrenho. Conhecedor das *Trovas* de Bandarra, caíra no desânimo por não ver cumpridas as profecias. O «papel» vieiriano tem o condão de lhe ressuscitar as esperanças perdidas. Tanto que, em Dezembro de 1660, Bourey decide também escrever um «papel» — «Para os Incrédulos da Ressurreição Del-Rei D. João IV» — com o piedoso intuito de apoiar e confirmar, completando-a, a tese do jesuíta.

O texto apresentado por Besselaar, repartida a matéria em 31 artigos, é cópia do autógrafo que, autenticado pelo próprio Nicolau Bourey, se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo entre os autos do processo inquisitorial movido a Vieira.

Embora não muito convincente, Bourey tenta reforçar a exegese vieiriana com um contributo pessoal, trazendo à baila profecias de Joaquim de Fiore, São Frei Gil, Pedro de Frias. E até mesmo a promessa que Bandarra fizera à afilhada. Barbarismos e solecismos, sinais da pouca instrução da sua credulidade, contribuem para tornar mais enigmático o sentido do texto — apesar dos esforços de Besselaar, que tenta esclarecer alguns pontos, deixando outros «à inventividade» dos leitores.

Na trincheira oposta, a dos «sebastianistas», e para unificá-la, Besselaar colige dois textos anónimos datados de 1661: «Ante-Vieira» e «Opinião Contrária à da Ressurreição Del-Rei D. João IV». O «papel» intitulado «Ante-Vieira» patenteia, segundo Besselaar, cultura teológica e canónica, a denunciar um sacerdote que, «se não era jesuíta, era ao menos muito amigo da Companhia» (p. 141). O polemista, sem poder ombrear com Vieira, seja no estilo, seja no malabarismo exegético, revela, entretanto,

vasto saber em matéria profética. «Ante-Vieira» divide-se em duas partes: polémica directa com Vieira e exposição confusa dos argumentos num estilo pesado e farfalhado. Ao cabo do tormentoso discurso, defende como mais fácil e provável o reaparecimento de D. Sebastião (cuja morte não se provara) do que a ressurreição de um defunto. Ademais, não sendo admirador de D. João IV, não sentia o menor desejo de vê-lo ressuscitado. Besselaar ampara-se em quatro manuscritos para a reconstrução o mais fidedigna possível do texto.

Três códices diferentes ajudam Besselaar na reconstituição do segundo texto «sebastianista» — «Opinião Contrária à da Ressurreição Del-Rei D. João IV». A pena anónima revela conhecimentos teológicos, imaginação e ironia. Embora alegue descreer de profecias, tendo-as à conta de «histórias da varinha de condão», trata-as com seriedade, procurando analisá-las nos pormenores e interpretá-las. Parodiando Vieira, diz que escreveu o «papel», indo em uma canoa, não navegando o grande rio Amazonas, mas um dos muitos que cortam e retalham este recôncavo da Baía» (p. 232). Não obstante, falsamente modesto, diga não ser fácil, com o seu canto de ganso, «competir com a voz do Cisne dos nossos tempos, o maior crédito do púlpito, o mais luzido engenho que conhece a nossa idade», empenha-se, na maior parte do texto, à impugnação da exegese vieiriana. Sebastianista, crê que o Encoberto ainda vive e faz conjecturas sobre o tempo em que há-de descobrir-se e retornar, para encontrar em D. Afonso VI um dos seus aliados.

Como se percebe, a primeira parte do valioso livro de Besselaar dedica-se à profecia do retorno de D. Sebastião ou de D. João IV e à polémica suscitada pelo visionarismo exegético das «esperanças» de António Vieira. Assim sendo, o título dado pela editora (*António Vieira — Profecia e Polémica*), em vez do primitivo inscrito nos originais de Besselaar (*Vieira — Apoiado e Contestado*), resulta numa troca de seis por meia-dúzia. Ainda mais se considerarmos que a segunda parte da significativa obra de Besselaar consiste num verdadeiro opúsculo (são 231 páginas) de alentadas notas de rodapé a esclarecer, pontualmente, aspectos referidos na primeira parte. Vá lá que Besselaar não tenha sido feliz na escolha de título significativo e abrangente, capaz de antecipar, na banheira da capa, todo o oceano da sua pesquisa e erudição. Contudo, a editora continuou a chapinhar numa banheira, ao largo e à distância da oceânica, incursão e excursão, besselaariana.

Saído da digressão parentética, volte-se ao cerne da resenha. É na segunda parte — composta de 34 «Notas Complementares» — que vem à tona, a par das excepcionais qualidades de pesquisador vocacionado, a erudição de

Besselaar. Dir-se-ia que toda uma vida de paciente estudo do profetismo ibérico está aí contido. Um rol de profetas, profecias, oráculos, astrólogos, «sinais», enfim, (quase?) tudo que gestou ou engordou o milenarismo e a escatologia é compilado e esclarecido para informação do leitor. Nessas 34 «Notas Complementares» subjaz, misteriosa e numerologicamente, o 7 cabalístico do *perfectu*, do *feito até o fim* de uma vida, do *acabado*, do *terminado* o que se iniciara com *Antônio Vieira: o Homem, a Obra, as Ideias, O Sebastianismo* — veja-se a «Biblioteca Breve» —, e *Livro Ante Primeiro da História do Futuro*, publicado pela Biblioteca Nacional, em 1983.

Não obstante complementar à polémica entre «joanistas» e «sebastianistas», toda a segunda parte pode ser lida como um segundo livro, quase uma enciclopédia biográfico-crítica e temática referente ao sebastianismo português, radicando-o no profetismo medieval. Consciência disto tinha Besselaar, ao dizer, no breve prefácio, que «o estudo dessas raízes históricas vem a patentear que o sebastianismo não é um fenómeno isolado, mas integra um grande movimento internacional», sendo a escatologia lusitana «a fruta seródia de uma árvore firmemente arraigada no solo da cultura medieval europeia».

Ocioso ressaltar a importância do derradeiro estudo de Besselaar. Pode não ser a última palavra em torno do messianismo mítico-profético vieiriano e do milenarismo. Afinal, toda a última palavra suscita o reinício de réplicas — construtivas ou impertinentes... Entretanto, *Antônio Vieira — Profecia e Polémica* impõe-se como obra de consulta obrigatória. Seja pela pertinente erudição, seja por oferecer textos inéditos ou retirados de livros cujo difícil acesso só se permite a quem, paciente e devotadamente, dedica uma vida inteira à paixão do estudo e da pesquisa.

Francisco Maciel Silveira

A. CAMPOS MATOS

O MISTÉRIO
DA ESTRADA DE PONTE DO LIMA
ANTÔNIO FEIJÓ E EÇA DE QUEIROZ

Lisboa, Livros Horizonte / 2001

A. Campos Matos, consagrado especialista na área dos estudos queirosianos, em boa hora decidiu trazer à estampa a divertidíssima história dos «Carecas de Faldejaes», recolhida das páginas de *O Comércio do Lima* de 1, 8, 15 e 22 de Setembro de 1880, que encontrou devidamente preservadas na Biblioteca Municipal de Ponte do Lima. Mas a isto não se limitou o

Autor, pois inclui no livro diversificada documentação, doravante de imprescindível consulta para maior e melhor conhecimento da personalidade literária de Antônio Feijó, bem como das suas relações, até agora desconhecidas, com Eça de Queirós.

A. Campos Matos assina um prefácio que alia a inteligência da exegese ao rigor da informação, sempre apoiada por um vasto leque de anotações que meticolosamente situam os factos, os lugares e as personalidades envolvidas na acção ficcionalizada e no universo real dos receptores do texto de Feijó ao tempo da primeira publicação. No que respeita às relações com Eça, o Autor analisa as semelhanças de percurso académico e profissional: idêntica aversão pela Universidade de Coimbra e pelas actividades forenses e idêntica, diremos não apetência, mas aceitação pacífica da carreira consular. Em comum, têm também alguns amigos, tais como Luís de Magalhães, Oliveira Martins, Conde de Amoso, Vicente Pindela, Conde de Sabugosa, Guerra Junqueiro ou Eduardo Prado (p. 10). Não se conhece correspondência entre ambos (o que nada significa, dado que o espólio epistolar queirosiano se perdeu), mas na biblioteca de Feijó (ou no que resta dela), constam *O Crime do Padre Amaro*, na edição de 1880, *O Primo Basílio*, na segunda edição de 1878 e o *Suave Milagre* em versão teatral, e a correspondência que endereçou a Luís de Magalhães oferece abundantes provas de um leitor atento (mas nem sempre bom juiz) em observações sobre *A Relíquia*, *Os Maias* e *A Correspondência de Fradique Mendes* (obra que prefere às duas primeiras). O interesse de Feijó pela obra queirosiana leva-o, em 1905, a solicitar a Luís de Magalhães o envio para Estocolmo «do livro do Eça», provavelmente os *Ecos de Paris* ou as *Cartas de Inglaterra*, ambos publicados nesse ano. Também não é possível avaliar se na biblioteca do autor de *Os Maias* existiria algum livro do poeta, visto que, como é sabido, a livraria foi saqueada depois da morte do escritor. Igualmente digna de nota é a solidariedade de Feijó para com Eça de Queirós aquando do insultuoso artigo publicado por Fialho de Almeida a 16-VI-1900 no *Brasil-Portugal*, não se coibindo de o censurar directamente em carta ao autor de *A Cidade do Vício*.

Apoiado na referida correspondência para Luís de Magalhães, A. Campos Matos informamos ainda de que o poeta de Ponte do Lima manteve com Eça convívio social muito antes do casamento com Dona Emília de Resende, matrimónio esse que aliás comenta com surpresa. De tal convívio chega-nos eco na correspondência de Dona Emília; considerando que certas perturbações estomacais do marido muito deveriam à companhia do «opíparo Feijó» (qualificativo que lhe virá de Junqueiro e